



ISSN 1984-5634

DOSSIÊ

O QUE PODE UM LIVRO?*

REGINA HORTA DUARTE**

Livros são objetos, são dotados de materialidade. Têm peso, cor, cheiro, tamanho, superfícies tácteis, cobrem-se de uma série de signos estéticos e valorativos nas capas, na diagramação, nos selos editoriais. Uma vez prontos, parecem adquirir asas, ganham vida própria, para orgulho e surpresa de quem o escreveu, pois seus muitos exemplares já não pertencem mais a um dono. Aquele que retira seus escritos da gaveta e os submete ao escrutínio público precisa ser ousado e correr riscos. O livro será lido com olhos estrangeiros, reconfigurado, inserido em novas redes de significados e enfrentamentos humanos. Em sua concretude, o livro se multiplica em experiências. Cada exemplar trilha uma história particular, enrolado numa miríade de aventuras do intelecto.

Há livros que se tornam uma máquina de guerra pelo potencial criativo em que se desenvolvem. São devir, pois se realizam no tempo das leituras, dos debates, das reflexões que incitam. São prática discursiva inauguradora de formas de dizer e de conhecer. Eles circulam em regimes divergentes de construção da verdade e de exercício do poder. *A Invenção do Nordeste* tem sido um desses livros, desde 1999, quando foi lançado.

Conheci o Durval quando ele ainda não era famoso. Éramos dois jovens estudantes de doutorado na Unicamp. É claro que eu o admirava desde então. O brilho da sua fala me estimulava, a agudeza da sua leitura dos pensadores me surpreendia a cada seminário. (Durval era aquele colega que a gente se sentaria ao lado para colar no caso de uma prova, entendem?) Depois dos créditos cumpridos, voltamos às nossas cidades de origem, eu defendi minha tese, enchi de filhos, choramos juntos a perda inestimável de nosso querido Alcir Lenharo. Seguimos um pouco mais

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

SUBMETIDO: 31.01.2023

ACEITO: 13.02.2023

COMO CITAR:

DUARTE, R. H. O que pode um livro?. *Aedos*, v. 15, n. 33, p. 10-12, jan.–jun., 2023.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

* O texto de Regina Horta Duarte consiste em homenagem proferida em comemoração aos 20 anos de publicação do livro “A invenção do nordeste e outras artes” de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no espaço do I Congresso Internacional de Meio Ambiente e Sociedade (CONIMAS) e do III Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido realizados em Campina Grande no ano de 2019. A gravação da homenagem está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nK-dyenSPZE>>. Acesso em: 24 abr 2023.

** Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História dessa mesma instituição. ORCID iD: 0000-0003-0808-5435. E-mail: reginahortaduarte@gmail.com

afastados, eu cá de “Belzonte”, ele em Natal. É claro que acompanhei de longe sua defesa (a melhor tese de todos os tempos da Unicamp até a data, segundo Edgar De Decca, que estava na banca), assim como o lançamento do livro. Mas foi em 2001, num evento sobre circo em João Pessoa, que eu percebi a dimensão vertiginosa do impacto que Durval vinha alcançando. Na fala de abertura do evento, um professor de artes circenses de alguma universidade (eu já tentei me lembrar, inutilmente, seu nome), anunciou, com um ar desafiador e alegre – como o mensageiro de uma boa nova a ser festejada: “Gente, eu li um livro maravilhoso! Descobri que o Nordeste não existe, é uma invenção humana”.

Havia na sua fala algo como um alívio, como se tivesse tirado um peso de suas costas, como libertado de uma neurose paralisante e escravizadora, impedindo o gozo. É como se dissesse: “agora podemos ser felizes”. (e vejam bem: alegria é um tema caro aos estudiosos das artes circenses, um pessoal que realmente entende o poder transformador do riso). E eu pensei comigo, veja só, o Durval está motivando a construção de uma autonomia coletiva. Explico.

Considerando que:

1. o processo psicanalítico é uma prática que se propõe a estimular alguém a aceitar desafios intelectuais e afetivos, aventurar-se além das compensações que nos mantêm numa zona de conforto ao mesmo tempo em que diminuem nossas chances de conquistar uma felicidade mais efetiva,
2. o objetivo de uma terapia é romper as neuroses que nos agrilhoam, e nos fazem chafurdar na mesma lama por toda uma vida, num desperdício das possibilidades que a vida oferece,

argumento que as análises de *A Invenção do Nordeste* - lidas, relidas, usadas, citadas, retomadas, mastigadas, digeridas - estimularam algo como um processo terapêutico coletivo da intelectualidade “nordestina”.

E não, não estou exagerando: são milhares de exemplares em cinco edições, e várias reimpressões. Não citarei aqui a importante tradução para o inglês pela Duke University Press (2014), pois ela atingiu um público diverso (diga-se de passagem, com excelente recepção na academia internacional). Mas lembrarei como o pensamento intelectual de Durval repercutiu ainda nos cento e sessenta trabalhos acadêmicos que orientou, a nível de graduação, mestrado e doutorado; nas dezenas de cursos que ministrou em diversas universidades, nas quase três centenas de conferências de um professor conhecido por seu carisma, pela clareza didática na exposição e pelo poder de fascinar os ouvintes. Desde 2018, a escrita de *A invenção do Nordeste* se transmutou em gestos, luzes, cenário e sons, na performance cativante da peça premiada de mesmo nome, na montagem pelo grupo Carmim, atingindo espectadores por todo o Brasil.

A invenção do Nordeste focou práticas discursivas e não discursivas ao longo do século XX, incluindo livros de autores de diferentes posições políticas (obras literárias ou das ciências humanas), pinturas, esculturas, murais, músicas, imagens filmicas, relatórios sobre as secas, eventos memoráveis, textos administrativos, dados de gestões públicas. Mostrou como as elites saudosas do fausto e da escravidão construíram uma fala vitimista para se beneficiarem do nordeste que inventavam, atualizando o exercício dos poderes locais e de dominação, reequilibrando ainda as forças no cenário nacional. Mas o livro ousou indicar também a eficácia dessas imagens entre pessoas que lutavam contra a opressão, denunciavam a injustiça social e a exclusão política, e arriscaram tantas vezes sua pele ao desafiarem os poderes instituídos. Ao dividirem, mesmo que no reverso da moeda, as mesmos pressupostos e imagens, sua luta

sucumbia ao ressentimento, à auto piedade, ao reforço do imaginário das secas, à imagem do nordestino pobre abrutalhado e faminto, à crença na impossibilidade de qualquer transformação que não fosse encabeçada por líderes esclarecidos, à sujeição ao passado, à resignação a uma identidade dada desde sempre e em todo o nordeste, à visão de um destino paralisante, gerando atitudes reativas, enroladas numa sucessão de murros em ponta de faca, num ambiente de tristeza e armadilhas enclausurantes. Nos limites territoriais de invenção coletiva de um nordeste, predominavam o não-tempo e a fatalidade. Fazer o quê? “- *Se nem tudo fosse tão seco, se não fôssemos o Nordeste, ai.....se não doesse tanto essa saudade não sei de quê...*” E aquele gosto amargo de derrota na boca.

Vem o historiador e explicita a criação histórica, os regimes de poder nos quais certas categorias até então inquestionáveis foram postas em funcionamento, os múltiplos tempos da construção das armadilhas da reflexão, os perigos potencializados pela eficácia dessa construção reconfortante, compensatória e neurótica, vivida e retornada em enigmáticos círculos viciosos. Vem o historiador e destrói os senhores da significação, as entidades metafísicas negadoras do devir, aquelas que se fortalecem ao apelar aos nossos desejos psíquicos mais primordiais de totalidade, imobilidade e completude. O historiador instaura o pensamento disruptivo, anula as falsas estabilidades, e oferece ao seu leitor a ousadia do desmonte dos mitos, um a um, num banquete canibal. É preciso tirar da carne para conquistar outro lugar de fala. Essa aventura intelectual não se faz sem desapareços e sem mortes no plano simbólico. Mas também não se faz sem alegria, sem afeto, sem riso.

Junto com o desabamento das falsas identidades, surgem as perguntas: o que a gente quer ser? O que a gente pode ser? Mas essas perguntas são acompanhadas da certeza de que cada resposta será dada *no tempo*, e por isso cada uma poderá ser questionada e transformada.

- *Gente!!!!!! eu li um livro e descobri que o Nordeste é uma invenção!*

Obrigada Durval, por partilhar conosco a aventura do pensamento disruptivo!!!!¹

¹ Fala de homenagem ao professor Durval Muniz de Albuquerque Junior pelos 20 anos do livro “A Invenção do Nordeste”. Congresso CONIMAS, UFCG, Campina Grande, novembro 2019. Para o vídeo, acessar: <https://youtu.be/nK-dyenSPZE>.